Os Guarani de Nimuedaju

WALTER COUTINHO

A edição em português d'*As Lendas da Criação e Destruição do Mundo como Fundamentos da Religião dos Apapocúva-Guarani**, além de tornar acessível a um público mais ampio uma das monografias mais originais e importantes da etnologia brasileira, vem definitivamente prestar homenagem ao nome e à obra de seu autor, Curt Nimuendaju. Publicado originalmente em 1914, na *Zeitscrift für Ethnologie,* o ensaio sobre os Apapocúva inaugurou o período moderno da etnologia Guarani, influenciando decisivamente ou servindo de fundamento para praticamente todos os trabalhos posteriores sobre os Guarani. Duplamente importante, o trabalho sobre os Apapocúva não é apenas um dos textos mais fulgurantes da etnologia Guarani, mas significou também, dentro da trajetória biográfica e intelectual de Nimuendaju, o início de um envolvimento e um compromisso que nunca seriam abdicados ou esquecidos.

A tradução foi levada a cabo por Charlotte Emmerich e Eduardo Viveiros de Castro, que já haviam sido responsáveis pela tradução do trabalho sobre os Xipaia (Nimuendaju, 1981). A edição portuguesa dos Apapocúva[1] é precedida por uma "nota sobre esta edição" dos tradutores, um texto de Carla Antunha Barbosa e Marco Antonio Barbosa ("uma parte da história desta publicação...") e outro de Viveiros de Castro ("Nimuendaju e os Guarani"). O texto de Viveiros de Castro é excelente e o leitor deve reportar-se a ele se quiser ter uma introdução realmente compreensiva aos Apapocúva de Nimuendaju. Ele traz dados biográficos do autor, esboçando o panorama intelectual dentro do qual foi pensado e redigido *Os Apapocúva,* inventariando as questões levantadas e as lacunas deixadas n'*As Lendas da Criação e Destruição do*

---

*NIMUENDAJU, Curt. 1987. *As Lendas da Criação e Destruição do Mundo como Fundamentos da Religião dos Apapocúva-Guarani.* São Paulo: Hucitec/EDUSP, 156 pp.

1. Além do original alemão, a única outra edição que possuímos é Nimuendaju, 1978. A tradução de J. F. Recalde, em 1944, foi distribuída em cem exemplares mimeografados.

Anuário Antropológico/87
Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990

Mundo, analisando "a singularidade da empresa de Nimuendaju, em termos de escopo e resultados", e avaliando a sorte posterior da herança Guarani de Nimuendaju na bibliografia etnológica.

Embora Nimuendaju afirme, no início de seu ensaio, que os Guarani já haviam sido objeto de demasiada atenção por parte dos estudiosos, é com ele que se inicia o estudo da religião Guarani. Contra a falsa opinião de que esta seria constituída apenas por "fábulas de animais", Nimuendaju mostra que seu núcleo está nos mitos da criação e destruição do mundo, com seus deuses, heróis culturais e o temor ao *mbaé meguá.* Aponta a importância dos pajés e danças de pajelança na vida social e cerimonial dos Guarani, discutindo ainda o papel da busca da "Terra sem Mal" nas suas migrações.

O primeiro capítulo ("Nome e História") é uma crônica das migrações Guarani pelo estado de São Paulo, sul do Mato Grosso e norte do Paraná, tal como pode ser reconstituída através dos relatos dos próprios Guarani. Tais relatos, como Nimuendaju deixa entrever, falam dos pajés que

> inspirados por visões e sonhos, constituíram-se em profetas do fim iminente do mundo; juntaram à sua volta adeptos em maior ou menor número, e partiram em meio a danças rituais e cantos mágicos, em busca da "Terra sem Mal" (: 9).

"Apapocúva" é a denominação dada por Nimuendaju a uma destas "hordas" migratórias dos Guarani de então, diferenciadas entre si, segundo ele, pelo dialeto falado. Atualmente, tais diferenças dialetais parecem ter subsistido apenas entre três subgrupos Guarani: Mbyá, Paĩ-Kayová e Ñandeva-Chiripá. Os Apapocúva são considerados como pertencentes a este último[2].

Os tradutores respeitaram a ortografia de Nimuendaju – o que não aconteceu na edição peruana – para os termos em Apapocúva, embora ela difira tanto daquela comumente usada para o Guarani antigo (Montoya & Restivo), quanto daquela registrada posteriormente para os Ñandeva-Chiripá que, como com as denominações, também sofre oscilações dependendo do autor.

O terceiro capítulo ("Religião") é um comentário em detalhe dos mitos transcritos ao final do ensaio. Da glosa que Nimuendaju faz, vai emergindo a originalidade e coerência do pensamento Guarani, sua alta elaboração e beleza. Nimuendaju interpreta para o leitor a importância de cada figura do panteão Guarani e o sentido das ações de cada personagem dos mitos, aclarando o

2. A denominação deste subgrupo também sofre oscilações na literatura etnográfica: Schaden (1974) denomina-a Ñandeva; Cadogan (1959) Chiripá; Bartolomé (1977), Avá-Katu-Ete, e Perasso *apud* Meliá (1987: 48), Avá-Kwé-Chiripá.

sentido de passagens por vezes obscuras. Neste capítulo, ainda, ele discute os conceitos de *alma* (mostrando a dualidade dos princípios celeste e animal de que é formada), *nome* (apontando o entrelaçamento entre condição pessoal e nome, já que a cerimônia de nominação consiste em o pajé descobrir de onde veio a alma do recém-nascido), examinado a atitude diante dos mortos, a crença na reencarnação e o temor pelo fim iminente do mundo.

No quarto capítulo ("Pajés e Danças de Pajelança"), Nimuendaju discute os diversos tipos de pajés e sua importância na sociedade Guarani. A dificuldade encontrada pelos tradutores nos termos alemães usados por Nimuendaju para designar o pajé Apapocúva deve-se, ao que parece, à própria complexidade desta figura entre os Guarani, que detém a liderança política-religiosa-cerimonial, além de ser um "curador" propriamente dito. A elegância com que Nimuendaju descreve os diversos tipos de cantos e danças rituais reflete, provavelmente, a constância de sua participação em tais cerimônias, durante o seu prolongado tempo de permanência entre os Apapocúva.

Grande parte da fama que cerca o ensaio de Nimuendaju provém do curto capítulo que ele dedica à "Demanda da Terra sem Mal". Nele estão registradas a convicção do autor de que as migrações Guarani modernas são produtos a busca da "Terra sem Mal" e a sugestão de que as mesmas razões religiosas seriam responsáveis também pelas migrações para o litoral dos Tupi-Guarani na época colonial.

O último capítulo ("Os Diversos Elementos da Religião Atual"), como aponta Viveiros de Castro, é onde Nimuendaju envereda por "excursos comparativos... 'selvagens'... para buscar um fundo cultural pan-americano arcaico", prática comum ao estilo etnológico de seu tempo (: xxii). Não obstante, é aí também que ele realiza suas interpretações mais sugestivas da religião Guarani. Falando, por exemplo, do "pessimismo desesperançado" que a caracteriza, ele aventa que

> a conseqüência imediata do temor ao *Mbaé meguá* foi... que o canto de pajelança passou a se destacar de forma inusitada como sendo o único caminho para a salvação; isso, por sua vez, abriu as portas à especulação dos pajés... fez com que a doutrina dualista da alma humana – que, no início, devia ser tão rudimentar entre os Apapocúva como entre tantas outras tribos – atingisse aquela coerência e elaboração que nela hoje admiro. Entretanto, esta doutrina não ficou restrita à sua mera formulação. Estes índios levaram às últimas conseqüências o novo aspecto de sua antiga religião. Assim surgiram aquelas migrações para o leste, que perduraram até os tempos mais recentes (: 129-130).

Aqui, Nimuendaju toca problemas importantes do relacionamento entre os indivíduos e sua cultura ou entre história e sociedade.

Os dois mitos transcritos ao final do ensaio[3] parecem não ter sido os únicos que o autor registrou do *corpus* Guarani. Uma nota de Viveiros de Castro (cf. Nimuendaju, 1986: 66) fala, pelo menos, em 18 mitos Apapocúva no arquivo de Nimuendaju no Museu Nacional.

Dois aspectos d'*As Lendas da Criação e Destruição do Mundo* merecem menção especial. O primeiro é sua incondicional defesa dos Guarani (tema que aparece no texto de Carla Antunha Barbosa e Marco Antonio Barbosa, que também inicia o volume), que prefigura em tudo o seu total compromisso com a causa de outros povos indígenas com que veio a lidar posteriormente; o outro advém de seu batismo e sua identificação com os Guarani. Nimuendaju trai, em várias partes do ensaio, essa identificação: quando relata que seu pai adotivo o tomava por outra pessoa renascida (: 46); quando conta que a medicina Guarani o "salvou" quando já se considerava "desenganado" pela desnutrição, febre palustre e desinteria (: 92); quando no momento em que Guyracambi lembra a habilidade do pajé ao sugar três pedrinhas pretas de seu peito (: 92) ou quando teve que matar um *anguery,* o perigoso espectro animal que vagueia após a morte de uma pessoa (: 38-44); isso para ficarmos apenas nos casos que se referem diretamente a ele. A forma como Nimuendaju descreve este último episódio, aliás, terá lembrado a mais de um leitor a sutileza que Evans-Pritchard usaria na descrição da bruxaria Zande.

O batismo Guarani de Nimuendaju, relatado naquilo que talvez tenha sido as notas preparatórias ou o esboço preliminar d'*As Lendas da Criação e Destruição do Mundo* (Nimuendaju, 1954), tornou-se, curiosamente, uma norma que foi seguida por alguns dos etnólogos que voltaram aos Guarani (podem ser lembrados, dentre os que foram "batizados" e/ou "iniciados" no xamanismo, Schaden, Cadogan, Melià, Bartolomé...).

E se, como foi dito recentemente, "pode-se falar de uma fascinação mítica pelo Guarani" (Melià, 1986: 14), é necessário reconhecer que os Guarani de Nimuendaju merecem, dentro deste conjunto, uma menção especial.

3. As páginas 136 e 137 dos mitos estão invertidas. Salvo engano, o comprimento da flauta *mimby* só aparece na edição peruana. Comparar a página 81 da edição brasileira com a página 101 da edição peruana.

BIBLIOGRAFIA

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. 1977. *Orekuera Royhendu (lo que escuchamos en sueños). Shamanismo y Religión entre los Ava-Katu-ete del Paraguay.* México: instituto Indigenista Interamericano.

CADOGAN, León. 1959. Como Interpretan los Chiripá (Avá Guarani) la Danza Ritual. *Revista de Antropologia*, VII: 65-69.

MELIÀ Bartolomeu. 1986. *El Guaraní Conquistado y Reducido. Ensayos de Etnohistoria.* Assunção: Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica.

MELIÀ, Bartolomeu *et al.* 1987. *O Guarani: uma Bibliografia Etnológica.* Santo Ângelo: FUNDAMES/próMEMÓRIA.

NIMUENDAJU, Curt. 1954. Apontamentos sobre os Guarani. *Revista do Museu Paulista,* N. S., VIII: 9-57.

————. 1978. *Los Mitos de Creación y de Destrucción del Mundo como Fundamentos de la Religión de los Apapokuva-Guarani.* Lima: Centro Amazónico de Antropologia y Aplicación Práctica.

————. 1981. Fragmentos de Religião e Tradição dos Índios Sipaia. *Religião e Sociedade,* nº 7: 4-47.

————. 1986. 104 Mitos Indígenas Nunca Publicados. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,* nº 21: 64-111.

SCHADEN, Egon. 1974. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani,* São Paulo: EPU/EDUSP, 3ª edição.